

JOHN C. LENNOX

POR QUE A CIÊNCIA NÃO CONSEGUE ENTERRAR DEUS

Traduzido por Almiro Pisetta



1

GUERRA DE COSMOVISÕES

“Ciência e religião não podem reconciliar-se.”

Peter Atkins

“Todos os meus estudos científicos [...] confirmam minha fé.”

Sir Ghillelan Prance, FRS

“Na próxima ocasião em que alguém lhe disser que algo é verdadeiro, por que não lhe responder: ‘Que tipo de evidências disso existem?’? E se não houver uma boa resposta, espero que você pense com muito cuidado antes de acreditar numa só palavra do que está ouvindo.”

Richard Dawkins, FRS

O ÚLTIMO PREGO NO CAIXÃO DE DEUS?

Há uma impressão popular muito difundida de que cada avanço científico é mais um prego no caixão de Deus. É uma impressão alimentada por influentes pensadores da ciência. Peter Atkins, professor de Química da Universidade de Oxford, escreve:

A humanidade deve aceitar que a ciência eliminou a justificativa da crença num propósito cósmico, e qualquer sobrevivência desse propósito inspira-se apenas no sentimento.¹

¹ Will Science Ever Fail?, *New Scientist*, 8 de ago. de 1992, p. 32-35.

Ora, não está muito claro como a ciência, que, como se acredita tradicionalmente, nem sequer trata de questões de propósito (cósmico), poderia de fato fazer algo desse gênero, como veremos adiante. O que está muito claro é que Atkins, de um só golpe, reduz a fé em Deus não apenas a um sentimento, mas a um sentimento que se opõe à ciência. Atkins não está só. Para não ficar para trás, Richard Dawkins vai além. Ele considera a fé em Deus um mal a ser eliminado

Está na moda tornar-se apocalíptico acerca da ameaça para a humanidade apresentada pelo vírus da aids, pelo mal da “ vaca louca” e por muitas outras doenças, mas eu acho natural argumentar que a fé constitui um dos grandes males do mundo, comparável ao vírus da varíola, só que mais difícil de erradicar. A fé, sendo uma crença que não se baseia em evidências, é o principal vício de qualquer religião.²

Mais recentemente, a fé, na opinião de Dawkins, graduou-se (se é que esse é o termo correto), deixando de ser um vício para tornar-se uma ilusão. Em seu livro *Deus, um delírio*³ ele cita Robert Pirsig, autor de *Zen e a arte da manutenção de motocicletas*: “Quando um indivíduo sofre de um delírio, chama-se isso de insanidade. Quando muita gente sofre de um delírio, chama-se isso de religião”. Para Dawkins, Deus não é apenas uma ilusão; é uma ilusão perniciosa.

Visões como essa se situam num ponto extremo de um grande gráfico de posições, e seria um erro pensar que elas sejam típicas. Muitos cientistas não se sentem nada satisfeitos com essa militância, sem mencionar os traços opressores, até totalitários, dessas visões. Todavia, como sempre acontece, são as visões extremistas que chamam a atenção do público e são expostas na mídia, e o resultado disso é que muita gente conhece essas visões e é afetada por elas. Seria, portanto, uma leviandade ignorá-las. Devemos levá-las a sério.

Considerando-se o que ele diz, está claro que uma das coisas que geraram a hostilidade de Dawkins em relação à fé em Deus é a (lamentável) impressão que adquiriu de que, enquanto “a crença científica se baseia em evidências publicamente verificáveis, a fé religiosa não apenas carece de evidências; sua independência de

² Is Science a Religion?, *The Humanist*, jan./fev. de 1997, p. 26-39.

³ London, Bantam Press, 2006.

evidências é sua alegria, proclamada do alto dos telhados”.⁴ Em outras palavras, ele considera toda fé religiosa como fé cega. Bem, se isso é o que ela é, talvez mereça ser comparada à varíola. Todavia, seguindo o conselho do próprio Dawkins, perguntamos: Onde estão as evidências de que a fé religiosa não se baseia em evidências? Ora, é público e notório que, infelizmente, há pessoas que professam sua fé em Deus e adotam um evidente ponto de vista obscurantista e anticientífico. A atitude delas desonra Deus e deve ser deplorada. Talvez Richard Dawkins tenha tido a má sorte de cruzar com uma multidão demasiado grande dessas pessoas.

Mas isso não altera o fato de que o cristianismo mais comum vai insistir que a fé e as evidências são inseparáveis. De fato, a fé é uma resposta a evidências, não um alegrar-se na ausência de evidências. O apóstolo cristão João escreve em sua biografia de Jesus: “Mas estes [sinais] foram escritos para que vocês creiam...”.⁵ Isto é, ele entende que o que ele está escrevendo deve ser considerado como parte das provas nas quais se baseia a fé. O apóstolo Paulo diz o que muitos dos pioneiros da ciência moderna acreditavam, isto é, que a própria natureza faz parte das evidências da existência de Deus:

Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua própria divindade, têm sido vistos claramente, sendo compreendido por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis.⁶

Não faz parte da visão bíblica exigir que se acredite em coisas sem que haja nenhuma evidência. Exatamente como acontece na ciência, fé, razão e provas caminham juntas. A definição de fé apresentada por Dawkins como uma “fé cega” acaba sendo, portanto, o exato oposto da fé definida pela Bíblia. É curioso o fato de que ele não parece ter consciência da discrepância. Seria isso uma consequência de sua própria fé cega?

Assim, a idiossincrática definição de fé dada por Dawkins nos oferece um surpreendente exemplo do exato tipo de pensamento que ele afirma detestar — o pensamento que não se baseia nas evidências. Isso, mostrando uma assustadora

⁴ *Daily Telegraph Science* extra, 11 de set. de 1989.

⁵ João 20:31

⁶ Romanos 1:20

incoerência, as evidências são exatamente aquilo que ele deixa de apresentar em defesa de sua alegação de que a alegria da fé resulta do fato de ela não depender de evidências. E a razão pela qual ele não apresenta essas evidências não é difícil de achar — elas não existem. Não se requer muito esforço para averiguar que nenhum sério intelectual ou estudioso da Bíblia apoiaria a definição de fé apresentada por Dawkins. Francis Collins diz que essa definição “com certeza não descreve a fé da maioria dos fiéis da história, nem da maioria dos que conheço pessoalmente”.⁷

O argumento de Collins é importante porque mostra que, rejeitando toda fé como cega, os novos ateus estão minando seriamente sua própria credibilidade. Como diz John Haught:

Um único corvo branco é suficiente para mostrar que nem todos os corvos são pretos; assim, não há dúvida de que a existência de inúmeros fiéis que rejeitam a simplista definição de fé dos novos ateus é suficiente para questionar a aplicabilidade de suas críticas dirigidas a uma significativa parte da população religiosa.⁸

Alister McGrath,⁹ em sua recente e muito acessível avaliação do posicionamento de Dawkins, ressalta que esse autor deixou evidentemente de ocupar-se com quaisquer pensadores cristãos sérios. Que devemos então pensar de sua excelente máxima abaixo:

Na próxima ocasião em que alguém lhe disser que algo é verdadeiro, por que não lhe responder: “Que tipo de evidências disso existem?” E se não houver uma boa resposta, espero que você pense com muito cuidado antes de acreditar numa só palavra do que está ouvindo.¹⁰

Facilmente seria perdoado quem caísse na forte tentação de aplicar a máxima de Dawkins ao próprio autor — e não acreditar numa só palavra do que ele está dizendo.

⁷ *The Language of God*, p. 164.

⁸ *God and the New Atheists*, p. 62.

⁹ *Dawkins' God*.

¹⁰ *A Devil's Chaplain*, p. 248.

Mas Dawkins não é o único na defesa da ideia de que a fé em Deus não se baseia em nenhum tipo de evidência. A experiência mostra que esse é um fato relativamente comum na comunidade científica, embora possa ser bem formulado de um modo um pouco diferente. Ouve-se muitas vezes, por exemplo, que a fé em Deus “pertence ao domínio privado, ao passo que o compromisso científico pertence ao domínio público”, que “a fé em Deus é uma espécie diferente da fé que exercemos na ciência” — em suma, é uma “fé cega”. Teremos ocasião de analisar essa questão mais de perto no capítulo 4, na seção sobre a inteligibilidade racional do Universo.

Em primeiro lugar, entretanto, vamos formular pelo menos uma vaga ideia do estado da crença/descrença em Deus na comunidade científica. Um dos levantamentos mais interessantes a esse respeito é o que foi conduzido em 1996 por Edward Larsen e Larry Witham e relatado na revista *Nature*.¹¹ Pois o levantamento deles foi uma repetição de um levantamento feito em 1916 pelo professor Leuba, no qual mil cientistas (escolhidos ao acaso da edição de 1910 da *American Men of Science*) foram questionados se acreditavam em um Deus que ouve orações e na imortalidade pessoal — o que é algo, note-se bem, muito mais específico do que acreditar em alguma espécie de ser divino. A taxa de resposta foi de 70%, dos quais 41,8% disseram sim, 41,5% disseram não e 16,7% eram agnósticos. Em 1996, o índice de resposta foi de 60%, dos quais 39,6% disseram sim, 45,5% disseram não e 14,9% eram agnósticos.¹² Os dados estatísticos receberam diferentes tratamentos na imprensa, com base no princípio meio cheio, meio vazio. Alguns os usaram como provas da sobrevivência da crença; outros, como provas da constância da descença. Talvez a coisa mais surpreendente seja que houve uma mudança relativamente pequena na proporção de crentes em relação a descrentes durante aqueles oitenta anos de crescimento do conhecimento científico, fato que faz nítido contraste com a percepção pública dominante.

Um levantamento similar mostrou que o percentual de ateus é mais alto nas camadas superiores da ciência. Larsen e Witham mostraram, em 1998,¹³ que,

¹¹ 3 de abr. de 1997, 386:435-6.

¹² Larry Witham, *Where Dawkins Meets the Bible*, p. 272.

¹³ *Scientific American*, set. de 1999, p. 88-93.

dentre os cientistas mais importantes dentro da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos que responderam ao questionário, 72,2% eram ateus, 7% acreditavam em Deus e 20,8% eram agnósticos. Infelizmente não temos dados estatísticos de 1916 para ver se essas proporções mudaram ou não de lá para cá, embora saibamos que mais de 90% dos fundadores da Royal Society da Inglaterra eram teístas.

Agora, como interpretar essas estatísticas é uma questão complexa. Larsen, por exemplo, também descobriu que, para os níveis de renda acima dos 150 mil dólares por ano, a crença em Deus cai de modo significativo — uma tendência que não se restringe especialmente aos membros da comunidade científica.

Quaisquer que sejam as implicações desses dados estatísticos, certamente tais levantamentos oferecem evidências suficientes de que Dawkins pode bem estar certo acerca da dificuldade em realizar sua tarefa que soa ameaçadoramente totalitária de erradicar a fé em Deus entre os cientistas. Pois, somando-se aos quase 40% dos que acreditavam em Deus na pesquisa, tem havido e há alguns cientistas eminentes que de fato creem em Deus — destacando-se Francis Collins, atual diretor do Projeto Genoma Humano; o professor Bill Phillips, ganhador do prêmio Nobel de Física em 1997; *sir* Brian Heap, membro e ex-vice-presidente da Royal Society; e *sir* John Houghton, FRS, ex-diretor do Serviço Meteorológico Britânico, além de co-presidente do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas e atual diretor da Organização John Ray, uma instituição assistencial ligada a questões ambientais, para mencionar apenas alguns.

É claro que nosso problema não será resolvido por estatísticas, por mais interessantes que elas possam ser. Certamente a confissão de fé em Deus, mesmo quando feita por eminentes cientistas, não parece exercer nenhum efeito modulador sobre os tons estridentes empregados por Atkins, Dawkins e outros que orquestram sua guerra contra Deus em nome da ciência. Talvez fosse mais correto dizer que eles estão convencidos não de que a ciência está em guerra com Deus, mas de que a guerra já acabou e a ciência obteve a vitória final. O mundo simplesmente precisa ser informado de que, ecoando Nietzsche, Deus morreu e a ciência o sepultou. Seguindo essa linha, Peter Atkins escreve:

Ciência e religião não podem reconciliar-se, e a humanidade deveria começar a apreciar o poder de sua criação e afastar todas as tentativas de acordo. A religião

fracassou, e seus fracassos permanecem expostos. A ciência, com sua bem-sucedida busca de competência universal por meio da identificação do mínimo, o supremo deleite do intelecto, deveria ser reconhecida como rainha.¹⁴

Essa é uma linguagem triunfalista. Mas será que o triunfo está de fato garantido? Que religião fracassou, e em que nível? Embora a ciência seja realmente um deleite, ela será mesmo o supremo deleite do intelecto? A música, a arte, a literatura, o amor e a verdade não têm nada a ver com o intelecto? Posso ouvir o crescente coro de protesto das humanidades.

Mais ainda, o fato de existir em cientistas que parecem estar em guerra contra Deus não significa exatamente que a própria ciência esteja em guerra contra Deus. Por exemplo, alguns músicos são ateus militantes. Mas isso significa que a música em si mesma está nessa guerra? De modo algum. A ideia aqui exposta pode ser expressa da seguinte forma: *afirmações de cientistas não são necessariamente afirmações da ciência*. Também poderíamos acrescentar que essas afirmações não são necessariamente verdadeiras; embora o prestígio da ciência seja tanto que elas muitas vezes, só por isso, são tomadas como tais. Por exemplo, as asserções de Atkins e Dawkins, com as quais começamos, se encaixam nessa categoria. Não são afirmações científicas, mas sim expressões de crença pessoal, na verdade de fé pessoal — não sendo no fundo diferentes (embora sejam visivelmente menos tolerantes) do que muitas expressões do tipo de fé que Dawkins deseja de modo expresso erradicar. Naturalmente, o fato de as citadas asserções de Atkins e Dawkins serem afirmações de fé não significa por si só que sejam falsas; mas, isso sim, que elas não devem ser tratadas como se fossem fatos autorizados pela ciência. É preciso investigar em que categoria elas se encaixam e, o que é mais importante, investigar se são verdadeiras ou não.

Antes de avançar, precisamos, todavia, equilibrar um pouco as contas, citando alguns eminentes cientistas que de fato acreditam em Deus. Sir John Houghton, FRS, escreve:

Nossa ciência é a ciência de Deus. Ele é responsável por toda a história científica [...]. A notável ordem, consistência, confiabilidade e a fascinante complexidade

¹⁴ *Nature's Imagination — The Frontiers of Scientific Vision*, p. 132.

presentes na descrição científica do Universo refletem a ordem, consistência, confiabilidade e complexidade da atividade de Deus.¹⁵

Sir Ghillelan Prance, FRS, ex-diretor dos Jardins de Kew, expressa de forma igualmente clara a sua fé:

Acredito há muitos anos que Deus é o grande arquiteto por trás de toda a natureza [...]. Todos os meus estudos científicos a partir daquele tempo confirmaram minha fé. Considero a Bíblia como minha principal fonte de autoridade.¹⁶

Mais uma vez repito: as afirmações que acabam de ser apresentadas não são afirmações científicas, mas afirmações de crença pessoal. Deve-se notar, porém, que elas contêm certas sugestões em relação às evidências que poderiam ser aduzidas para sustentar essa crença. Temos assim a interessante situação em que, de um lado, intelectuais naturalistas nos dizem que a ciência eliminou Deus e, do outro lado, teístas dizendo-nos que a ciência confirma sua fé em Deus. As duas posições são defendidas por cientistas muito competentes. O que significa isso? Bem, significa com certeza que é uma atitude demasiado simplista pressupor que ciência e fé em Deus são inimigas, e sugere que valeria a pena explorar qual é exatamente a relação entre ciência e ateísmo e entre ciência e teísmo. Em particular, qual dessas duas cosmovisões diametralmente opostas (ateísmo e teísmo) tem de fato o apoio da ciência?

Começamos pela história da ciência.

AS RAÍZES ESQUECIDAS DA CIÊNCIA

No âmago de toda ciência está a convicção de que o Universo é ordenado. Sem essa profunda convicção, a ciência não seria possível. Temos então o direito de perguntar: de onde vem essa convicção? Melvin Calvin, prêmio Nobel de Bioquímica, parece ter poucas dúvidas acerca de sua origem:

Quando tento discernir a origem dessa convicção, tenho a impressão de detectá-la na noção básica descoberta 2 ou 3 mil anos atrás e enunciada pela primeira vez no mundo ocidental pelos antigos hebreus: ou seja, que o Universo é governado

¹⁵ *The Search for God — Can Science Help?*, p. 59.

¹⁶ *God and the Scientists*, compilado por Mike Poole, CPO 1997.

por um único Deus e não é o produto dos caprichos de muitos deuses, cada um governando seu próprio espaço segundo suas próprias leis. Essa visão monoteísta parece ser o fundamento histórico da ciência moderna.¹⁷

Isso é surpreendente, se pensarmos que é comum na literatura, primeiro, reconhecer as raízes da ciência contemporânea lá nos gregos do século 6 a.C. e, depois, mostrar que, para possibilitar o avanço da ciência, a visão grega teve de ser esvaziada de seu conteúdo politeísta. Voltaremos a esse último ponto mais adiante. Aqui pretendemos apenas sublinhar que, embora os gregos, sob muitos aspectos, certamente tenham sido os primeiros a praticar a ciência mais ou menos da forma que a entendemos hoje, a implicação do que Melvin Calvin está dizendo é que a visão real do Universo que mais ajudou a ciência, a saber, a visão hebraica de que ele foi criado e é sustentado por Deus, veio muito antes da visão de mundo dos gregos.

Isso talvez seja algo que, tomando emprestada a expressão de Dawkins (que, podemos notar, ele próprio tomou emprestada do Novo Testamento), deveria ser “proclamado do alto dos telhados”, como um antídoto para uma sumária rejeição de Deus. Pois significa que a fundação sobre a qual repousa a ciência, a base a partir da qual sua trajetória se alastrou até os confins do mundo, tem uma forte dimensão teísta.

Quem chamou a atenção para esse contexto muito antes de Melvin Calvin foi o eminente matemático e historiador da ciência *sr* Alfred North Whitehead. Observando que, em 1500, a Europa medieval sabia menos do que Arquimedes no século 3 a.C., e, mesmo assim, em 1700, Newton já havia escrito sua obra-prima, *Principia mathematica*, Whitehead fez uma pergunta óbvia: Como semelhante explosão de conhecimento pôde acontecer num período de tempo tão curto? Sua resposta:

a ciência moderna deve ter se originado da insistência medieval na racionalidade de Deus [...]. Minha explicação é que a fé na possibilidade da ciência, gerada antes do desenvolvimento da teoria científica moderna, foi uma consequência inconsciente da teologia medieval.¹⁸

¹⁷ *Chemical Evolution*, p. 258.

¹⁸ *Science and the Modern World*, p. 19.